

## BRITO BROCA E JOÃO DO RIO

ORNA MESSER

Universidade Estadual de Campinas

Cerca de meio século separa os trabalhos que o jornalista maduro Brito Broca publicou na imprensa das reportagens escritas por João do Rio bem no início de 1900; tempo suficiente para que a cidade do “cronista da Belle Époque” tivesse, aos poucos, seu foco de atenções deslocado do centro, onde se situavam as belas confeitarias e o comércio elegante da rua do Ouvidor, Gonçalves Dias e da própria Avenida Central, para a zona sul, berço da TV Tupi e da bossa-nova, mais identificadas com a orla marítima de Copacabana e Ipanema do que com a Avenida Beira-Mar ou com o Cais do Porto. Não tardaria inclusive a transferência da nossa capital para Brasília, deixando definitivamente para trás os encantos da arquitetura Art Nouveau em troca da modernidade traçada pelas linhas retas, pelos espelhos d’água e pelos bairros planejados por Oscar Niemeyer. Novamente, a modernização do país passava pela concepção de um projeto urbanístico que se acreditava fosse capaz de restaurar a imagem do progresso e integrar a nação em torno das irradiações vindas das longínquas terras do interior de Goiás. Pode-se supor com isto que a vocação reformista brasileira começava apenas a se esboçar nos primeiros anos deste século, época em que já se falava da necessidade de substituir a aparência sórdida do passado colonial e agrário pelas novas fachadas, mais condizentes com o espírito dinâmico e moderno da economia industrial.

Vivendo no auge da euforia progressista que predominava durante a execução das obras de restauração da cidade do Rio de Janeiro, João do Rio imprimiu à sua atividade de jornalista as marcas da transformação que atingia não só a população desalojada como a vida intelectual associada até aquele momento aos cafés e livrarias do centro. No entender de Brito Broca, João do Rio foi o grande responsável pela renovação da crônica, cuja divulgação contara com nomes como Machado de Assis cronista d’ *A Semana*, Sílvio Romero, Araripe Júnior, Olavo Bilac e tantos outros. Os seus escritos, acrescenta Brito Broca, em comparação com o rodapé, que tratava de assuntos variados, e com o tom mais abstrato característico dos comentários irônicos trouxeram a novidade da observação “in loco”, abandonando a crônica-folhetim pela crônica-reportagem<sup>1</sup>. De fato, Brito Broca foi dos primeiros a assinalar que com os textos de João do Rio a crônica passou a oferecer aos leitores uma série de temas desconhecidos, embora mais próximos da realidade urbana (lembro a série de reportagens sobre *As Religiões do Rio*), temas que refletiam a atitude diferenciada do escritor, cuja ligação profissional com a redação constitui um dos elementos inaugurais dessa visão de mundo.

João do Rio, como bem observou Brito Broca, sai para a rua em busca de material e se mistura com a multidão tal qual o “flâneur”. É ele quem sobe o Morro de Santo Antônio, quem frequenta rodas proibidas de capoeira e as serestas, quem

entrevista os presos da Casa de Detenção, quem visita os trabalhadores em greve etc. Contudo, nesse passeio jornalístico, é preciso dizer, João do Rio se deixa encantar pelas cenas da vida cotidiana e ao trazer novos assuntos para os jornais acaba revelando os traços impressionistas e decadentistas que moldam o seu estilo. Brito Broca reconhece em João do Rio os influxos de um "cosmopolitismo visceral" que submete a sua escrita, de um lado, aos modismos literários (recebendo influências de Wilde, D'Annunzio, Nietzsche) e, de outro, a um lirismo fantasista capaz de emprestar a tudo um colorido inexistente por aqui. Curioso que embora justifique dessa maneira a permanência da obra de João do Rio no âmbito da literatura e não do jornalismo, Brito Broca toma as crônicas exatamente pelo aspecto documental que estas apresentam, procurando ressaltar o mérito da documentação histórica tanto no nível dos fatos narrados quanto no nível do estilo. Nesse sentido, acho que seja interessante verificar de perto o uso que delas fez Brito Broca, por exemplo, no seu notável livro **A Vida Literária no Brasil - 1900**<sup>2</sup>.

Estruturados tematicamente, os capítulos deste conhecido volume levam à fácil constatação de que há nele um uso recorrente de citações de João do Rio. Dentre os vários escritores consultados, João do Rio é um que fornece a Brito Broca informações a respeito (e agora a referência é quase literal) dos cafés, dos salões literários, das casas noturnas, dos cabarés, das casas de chope, das conferências, dos frequentadores da Biblioteca Nacional, das agremiações literárias de outros estados, da voga da cultura helênica, da prática de esportes, da guerra e da situação do jornalismo no país. Tudo isto, sem dúvida, contribuindo para que, na composição final, o livro dê notícia farta sobre as particularidades daquela época e simultaneamente registre os costumes e a mentalidade de um grupo junto ao qual estava em processo a mercantilização do trabalho literário bem como a acomodação por parte do escritor às expectativas do público leitor. Talvez por ter isto em mente é que Brito Broca tenha reproduzido os resultados de uma investigação realizada por João do Rio com o intuito de saber o que se lia na Biblioteca Nacional; a reportagem, uma experiência precursora da pesquisa de mercado, investigou o gosto dos leitores da cidade. Naquele momento, a aceitação de um certo jeito de compor as reportagens sobre os acontecimentos da rua, que se encontra, por exemplo, em **A Alma Encantadora das Ruas**, em **Cinematógrafo**, e em **Vida Vertiginosa** junto com a acolhida de um modo determinado de escrever os acontecimentos da vida mundana, muito bem caracterizado em **Pall-Mall**<sup>3</sup>, indicavam sobretudo a recepção de um estilo que se desenvolveu como forma de protesto contra a cavação e a vulgarização do trabalho intelectual. Escrevendo tanto sobre a temática urbana, quanto sobre eventos sociais e políticos, João do Rio se destacou por ter encontrado uma fórmula conciliatória, que atendia às exigências da cultura apressada do dia-a-dia dos jornais e permitia a participação do homem de letras na vida oficial do país (Salões, Academia, Diplomacia etc).

Em contrapartida, a reutilização destes assuntos, que proporcionaram a João do Rio ascensão e popularidade junto à colônia portuguesa e à elite aburguesada, sugere, numa segunda leitura do livro **Vida Literária no Brasil - 1900** de Brito Broca, que a herança deixada por João do Rio encontra-se menos nas indicações temáticas do que realmente, eu arrisco dizê-lo, na concepção de um gênero literário. Trata-se de um gênero cuja especificidade resulta sobretudo da valorização do relato pessoal. Isto pode ser melhor avaliado através da própria composição das narrativas de João do Rio onde predominam as situações de interlocução. Explícito melhor, estas crônicas se organizam a partir da experiência vivida pelo repórter que por sua vez é sempre contrastada com alguma testemunha colhida ao acaso. Recompondo aquilo que observou em forma de pequenos esquetes, o repór-

ter cria suas imagens com a ajuda de falsos diálogos. Ou seja, a voz do repórter estende

seus pensamentos aos companheiros para que eles os legitimem e confirmem o caráter espontâneo das reflexões. Soma-se a isso também o fato de que a circulação do "flâneur" pela cidade conta ainda com um desdobramento na figura dos dândis, Barão Belfort e Godofredo de Alencar, cujos depoimentos dão dados de modo a ressaltar a oportunidade das falas e ajustar o tom do relato ao olhar cosmopolita do autor. Estes artifícios aparentemente superficiais respondem por uma organização interna das crônicas, que se mantêm graças aos recheios de cunho pessoal bastante comuns como as indagações repentinas, as confissões inesperadas, os solilóquios, os gestos arrebatados de amizade, os abraços íntimos, as falas picantes, os encontros casuais, os indiscriminados tratamentos cordiais, as gargalhadas espontâneas, as curiosidades e excentricidades fortemente despertadas, enfim, os comportamentos emocionais, indiossincrasias e pontos de vista mais ou menos precisos destas figuras de ficção que são oferecidos ao leitor como pequenas dramatizações da vida da cidade. Com isso, a dinâmica do texto evolui conferindo um peso maior àqueles acontecimentos que asseguram a autenticidade das notícias e a sinceridade do escritor. Julgo que o trecho a seguir possa ser bastante ilustrativo a esse respeito.

- Estou esperando!
- Não quero!
- Deixá-lo passar!
- Naufragou!

Eu vinha vindo com o frescor da manhã por aquele trecho da praia de Santa Luzia, tão suave e tão formoso, onde se amontoam as cousas lúgubres da cidade - a Santa Casa, o Necrotério, o serviço de enterramentos. Entre as árvores fronteiras ao hospital vendedores ambulantes vociferavam os pregões de canjica, de mingau, de pães doces; dos bondes pejados de gente saltavam criaturas doentes, paráliticas algumas, de óculos outras. Pelas escadas de pedra lavada formigava constantemente a turba doente, mostrando as mazelas, como um insulto e uma afronta aos que estavam sãos, entre os enfermeiros do hospital, de calça de zuarde azul e dólma pardo, nédios e sadios. Eu vinha precisamente pensando como gozam saúde os enfermeiros, e aquelas frases maçônicas fizeram-me mal. Parei, consultei o relógio. Os quatro tipos não se ralavam mais com a minha presença. Dois olhavam com avidez os bondes que vinham da Rua do Passeio; dois estavam totalmente voltados para o lado da Faculdade. Ao aparecer um bonde, um magrinho bradou:

- Largo!

Prestei atenção. Do **tranway** em movimento saltou um cavalheiro defronte do Necrotério.

- De cima!!bradou outro tipo.
- Última! regougou o terceiro.

E cercaram o cavalheiro.

V.S. há de aceitar um cartãozinho da nossa casa. Não precisa de se incomodar. Tratamos de tudo! Faça negócio comigo!

A um tempo falavam todos, e o cavalheiro, coberto de luto, com o lenço empanado de suor e de lágrimas, murmurava, como se estivesse a receber pêsames:

- Muito obrigado! Muito obrigado!

Aproximei-me de um dos funcionários do serviço mortuário.

- Que espécie de gente é essa?

- Oh! não conhece? São urubus!

- Urubus?

- Sim, os corvos... É o nome pelo qual são conhecidos aqui os agenciadores de coroas e fazendas para luto. Não é muito numerosa a classe, mas que faro, que atividade!

Totalmente interessado, tive uma dessas exclamações de pasmo que lixionjeiam sempre os informantes e nada exprimem de definitivo. Ele sorriu, tossiu e falou. Foi prodigioso.

(“Urubus”, A.E.R.)<sup>4</sup>

Note-se que para falar de sua época João do Rio reproduz episódios circunstanciais assegurados pela recomposição quase factual dos acontecimentos, embora estes venham mediados pela “falsidade dos diálogos” e pelos traços do estilo, neste caso particular carregado pelas tintas do elemento bizarro. Daí a frequência com que suas crônicas costumam ser usadas como fonte de trabalhos historiográficos. Pouca atenção é dada ao fato de que talvez suas crônicas tenham sido elevadas à categoria de textos literários (ele se elegeu para a ABL antes que seus contos e romances fossem editados) porque elas se situam numa brecha instaurada entre a ficção e a reportagem, tirando proveito da figura do narrador. Nesta condição um tanto indefinida as crônicas de João do Rio flutuam em meio a tradição sugerindo a novidade de um gênero que mistura a constatação jornalística, com a opinião filosófica e a recriação literária. Sensível a isto o escritor desenvolveu mais tarde o original romance epistolar **Correspondência de Uma Estação de Cura**<sup>5</sup> baseando-se justamente na presença do narrador dissimulado. Sonhando a correspondência dos frequentadores de Poços de Caldas, o enlouquecido porteiro Troponoff copiava todas as cartas num livro comercial sem cometer erro de espécie alguma. As levandades, as futilidades, os golpes de esperteza desbotada dos interesseiros, as mazelas e passes políticos da gente que veraneava no interior surgem numa sequência ordenada arbitrariamente pelo delirante copista que à semelhança das personagens de Shakespeare, apesar de desequilibrado, expõe as mais profundas verdades. Revelada ao final do livro, a existência de um responsável pela organização das cartas suprime a interferência do autor que uma vez afastado deixa que desponte com a naturalidade das diversas redações uma trama tanto mais rica quanto mais próxima do tom confessional.

Quanto a Brito Broca, o esforço de reconstituição da vida literária do início deste século une a recomposição histórica ao resgate da memória filtrada pelos seus próprios protagonistas. Brito Broca busca nas memórias, correspondências íntimas, discursos públicos, entrevistas, declarações e artigos da imprensa em geral, levantar uma visão personalizada dos acontecimentos no meio intelectual. Os bastidores e as disputas que envolvem as eleições para a Academia Brasileira de Letras, por exemplo, chegam ao leitor através das cartas que os candidatos e acadêmicos trocavam entre si, mostrando em seu interior a própria dinâmica das amizades e inimizades que os torna tipos de ficção. O mesmo se vê quando Brito Broca recorre a livros como o de Renato Lacerda chamado **Um poeta singular**, ou Emílio de Menezes, o **último boêmio** de Raimundo de Menezes ou ainda **Minha Vida** de Medeiros e Albuquerque e **A vida exuberante de Olavo Bilac** escrito por Eloy Pontes, com o propósito de falar sobre a decadência da boêmia, a fama dos cafés, a frequência nas livrarias ou a situação dos letrados na política. Esta verdadeira ob-

sessão pela coleta dos depoimentos esquecidos, eu penso, assinala os pontos de semelhança entre o seu trabalho e os escritos jornalísticos de João do Rio.

Ambos recorrem a um procedimento visivelmente calcado na nostalgia. O cronista do 1900 caracteriza uma época vertiginosa enumerando índices da queda que comentam o fim das pequenas profissões, o declínio da educação, a deterioração moral, a miséria do jornalismo, a crise dos criados, a falta de patriotismo, o fim dos símbolos, a falência do trabalho honesto (etc.) crendo assim poder resumir o sentimento e a indignação dos seus contemporâneos diante da rapidez com que se davam as mudanças. Mas, o tom "blasé" dos relatos não esconde a nostalgia responsável pela constante projeção de um cenário e de um tempo que muitas vezes não existiram aqui. Brito Broca, por sua vez, manifesta um resíduo dessa nostalgia ao remeter o leitor a episódios do Império e da Belle Époque num esforço de recomposição quase pictórico, onde a vida acaba constituindo um texto à parte, ou melhor, uma espécie de documento que fala por si. Se a contemplação da cidade demonstrou o desajuste do cenário em relação à voz dos narradores de João do Rio, vejo que em Brito Broca existe uma tentativa permanente de recuperar aquela dimensão pessoal geradora dos fatos literários. Como se as circunstâncias da vida de cada escritor pudessem definir uma outra história literária, que não se emparelha com a repercussão das obras propriamente ditas. Vejo nos seus textos a mesma valorização da experiência singular enquanto matriz da matéria jornalística. Ocorre, porém, que Brito Broca deixa marcas de sua distância em relação ao artifício dos dândis de João do Rio. Nele a realidade aparece filtrada não pelo olhar que observa à distância a vivência pessoal mas por uma segunda lente: a da leitura. Quero dizer com isso que, em geral, Brito Broca incorpora aos seus textos a experiência do outro mediada pela escrita. Enquanto João do Rio ilumina as cenas corriqueiras contando com o auxílio dos seus dândis, cuja biografia ele traça espalhando informações nos diversos gêneros em que escreve, Brito Broca desenha um esboço de biografia coletiva, tentando contextualizar experiências de antemão elaboradas pela redação memorialista. Creio portanto que a melhor maneira de avaliarmos estas heranças deixadas tanto pelo trabalho jornalístico de João do Rio quanto pelo de Brito Broca seria tomarmos a nostalgia que os impulsiona como fonte não de crônicas mas de capítulos de um biografia literária que talvez desejasse integrar um romance, conforme chegou a sugerir o próprio João do Rio em uma entrevista quando perguntado acerca da acusação de que estivesse tentando afirmar-se na carreira de escritor apenas com as crônicas de jornal, a que ele respondeu mais ou menos assim: "Crônicas? eu não escrevo crônicas, escrevo capítulos de um romance."

## NOTAS

1. Brito Broca - "Cronistas de Outrora", em *A Gazeta*, São Paulo, 7 de Janeiro de 1950.
2. Brito Broca - *A Vida Literária no Brasil - 1900*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3. ed., 1975.
3. Paulo Barreto (João do Rio) - *A Alma encantadora das Ruas*, Rio de Janeiro H. Garnier & Co. 1908; *Cinematógrafo*, Porto, Livraria Chardron, 1909; *Vida Vertiginosa*, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1911; *Pall Mall Rio*, Rio de Janeiro, Editores Villas Boas & Co. s/d.
4. Paulo Barreto (João do Rio) - *A Alma Encantadora das Ruas*.
5. Paulo Barreto (João do Rio) - *Correspondência de uma Estação de Cura*, Livraria Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.